

REFLEXÕES SOBRE A POSIÇÃO-SUJEITO NA DISCIPLINA “ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA” DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSM

Adrielle Delgado Dias¹
Grazielle da Silva dos Santos²

RESUMO: Este artigo busca, de acordo com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, compreender como o ementário da disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita”, do Curso de Pedagogia da UFSM, autentica o perfil docente apontado no objetivo geral desse mesmo curso, a partir das tomadas de posição de sujeito identificadas. Para tanto, tomamos como corpus a ementa da disciplina, bem como o objetivo geral do curso, buscando explicitar o(s) sujeito(s) presentes nas Formações Discursivas analisadas. Os resultados revelam a existência de diferentes sujeitos: no objetivo geral do curso está pressuposto um sujeito-professor, enquanto que na ementa da disciplina encontramos um sujeito que apenas adquire informações. Com isso, entendemos que a posição-sujeito existente na ementa gera uma contradição, o que nos faz refletir sobre o próprio papel de um curso de licenciatura: o de formar professores.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Posição de Sujeito. Curso de Pedagogia da UFSM.

ABSTRACT: This article seeks, according to the theoretical assumptions of Discourse Analysis, to understand how the teaching subject "Orality, Reading and Writing", of the UFSM Pedagogy Course, authenticates the teaching profile pointed out in the general objective of this same course, from the identified subject positions. To do so, we take as corpus the syllabus of the discipline, as well as the general objective of the course, seeking to make explicit the subject (s) present in the analyzed Discursive Formations. The results reveal the existence of different subjects: in the general objective of the course, a subject-teacher is presupposed, whereas in the discipline's text we find a subject that only acquires information. With this, we understand that the subject-position in the menu generates a contradiction, which makes us reflect on the very role of a licentiate course: that of training teachers.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Subject positions. UFSM Pedagogy Course.

Considerações iniciais

Questões referentes à língua e à linguagem sempre nos instigaram, especialmente por entendermos que seu estudo possibilita pensar muito mais que o objeto em si, mas como seus efeitos repercutem na formação do sujeito docente. Por isso nosso interesse no espaço de um

¹ Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: adrielle.ufsm@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: graziesp@hotmail.com.

Curso de Licenciatura, mais especificamente no de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tendo em vista que essa se configura como a primeira área de formação de uma das autoras deste artigo, revelando-se um campo propício e relevante ao estudo discursivo-interpretativo, especialmente em relação aos conhecimentos linguísticos necessários à formação docente do pedagogo.

Sendo assim, partindo de inquietações referentes a questões sobre língua e linguagem, no Curso de Pedagogia da UFSM, é que se delineia este trabalho, o qual tem por objetivo compreender, partindo dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD), como o ementário da disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita”, do Curso de Pedagogia da UFSM, certifica o perfil de professor que está assentado no objetivo geral desse curso.

Para tanto, primeiramente realizamos um levantamento das disciplinas que trabalham a relação língua-linguagem dentro do referido Curso. Dessa forma, elegemos a disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita”, por observarmos que no seu programa estão expostos temas referentes a questões especificamente linguísticas, como: Sociolinguística, Psicolinguística e Linguística Aplicada. Na sequência, analisamos, no ementário dessa disciplina e no objetivo geral do Curso de Pedagogia da UFSM, as posições-sujeito aí presentes, pois entendemos que essa categoria analítica nos possibilita compreender em que medida os conhecimentos previstos no programa da disciplina contemplam o perfil docente esperado no objetivo geral desse Curso.

Porém, antes de tudo, apresentamos, a seguir, algumas noções que nos são muito caras dentro da AD e que se configuram fundamentais ao desenvolvimento de nosso estudo.

Um pouco sobre a AD

A Análise de Discurso surgiu nos anos 60, na França, como campo teórico e analítico fundado por Michel Pêcheux e, no Brasil, nos anos 80, postulado por Eni Orlandi.

A AD³ se situa na relação entre o linguístico e o histórico, estabelecendo o discurso como objeto de estudo que conjuga aspectos linguísticos com aspectos histórico-ideológicos. Para tanto, Pêcheux começou a questionar a concepção de língua como um sistema, porque entende que a língua possui uma exterioridade, ou seja, os sujeitos a põem em funcionamento, e essa exterioridade dá passagem para se considerar a história da e na língua como fato de discurso⁴.

Por isso, o estudioso propôs uma articulação de três campos do saber: o Materialismo Histórico, para entender como se efetivam os processos sociais e as transformações das

³ Segundo Petri (2006, p. 191): “É Pêcheux que estabelece as devidas relações que interessam à constituição da AD. [...] apoiando-se na noção althusseriana, que prevê o atravessamento da ideologia; e na noção lacaniana, que pressupõe o inconsciente como constitutivo”.

⁴ Malidier (2003) explica que o discurso é o lugar teórico em que as questões sobre língua, história e sujeito estão entrelaçadas.

formações sociais; a Linguística, como lugar de reflexão sobre a língua e a linguagem; e a Teoria do Discurso, para compreender o histórico processual dos sentidos⁵.

Para Orlandi (2005), a AD vai constituir-se como um lugar teórico propício ao estudo a partir de três grandes áreas do conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, pois somente assim é possível contemplar a significação do discurso. A autora, ainda, salienta que a *Análise de Discurso*

Concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2005, p. 15)

Dessa forma, o entendimento de discurso está na noção de um objeto teórico constituído por sentidos produzidos historicamente nas práticas sociais, pois ele (o discurso) configura o lugar onde se pode observar a relação entre língua e ideologia. Sendo assim, o discurso funciona como um lugar de mediação, pois é nele que os sentidos são produzidos.

Segundo Orlandi (2005, p. 21), “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, em que constantemente a posição-sujeito é redefinida, nas práticas sociais, pelas condições de produção⁶ do discurso. Em razão disso, entendemos que o sujeito não se desvincula da ideologia, pois ele é um sujeito socializado, ou seja, ele discursiviza de acordo com suas marcas do social, do ideológico e do histórico, em que ora é assujeitado pela ideologia que o domina, ora pelo seu próprio inconsciente.

Com isso, compreendemos que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167). Em outras palavras, não existe um discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, pois o sujeito sempre se inscreve em uma ideologia, marcando suas posições no discurso.

Orlandi (2005) nos explicita que o sujeito só tem acesso a parte do que diz, sendo atravessado pela linguagem e pela história⁷, sob o modo do imaginário. Ele é sujeito à língua e à história, pois é afetado por elas quando produz sentidos, e ele necessita disso, pois se não produz sentidos, não se constitui como sujeito.

Nesse sentido, a autora apresenta a ideia de “posição” que um sujeito discursivo tem frente a outros, pois é o lugar que o sujeito ocupa que o coloca como sujeito de sua fala. “É a

⁵ “Os sentidos são, pois, partes de um processo. Realizam-se num contexto mas não se limitam a ele. Têm historicidade, têm um passado e se projetam num futuro” (ORLANDI, 2006, p. 103).

⁶ Hoff (2001, p. 88) aponta que: “Conforme Pêcheux (1969), as condições de produção são as circunstâncias em que o discurso é realizado, o contexto, as formações sociais, históricas e ideológicas em que um enunciado é produzido”.

⁷ Segundo Mazière (2007, p. 100): “Com a história, a AD encontrou um campo privilegiado. Mais ainda, parece que a AD pensa o sentido linguístico como sendo história, produto da história, constitutivo da história”.

posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2005, p. 49). Ou seja:

O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia. (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2005, p. 49)

Posto isso, os sujeitos são intercambiáveis, visto que quando nos colocamos em uma determinada posição, em determinada situação, há um sentido relativo à formação discursiva em que nos inscrevemos, ou seja, “não é uma forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2005, p. 49). Por conseguinte, podemos dizer que um mesmo indivíduo assume-se como diferentes sujeitos em diferentes formações discursivas. Por exemplo, quando uma mulher questiona seu filho sobre o horário de chegada em casa, o sentido do enunciado é construído a partir da posição de mãe assumida. Desse modo, “podemos até dizer que não é a mãe falando, é a sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso significa. Isso lhe dá a identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo, na posição de professora, de atriz etc.” (ORLANDI, 2005, p. 49).

O que compreendemos é que todos os enunciados fazem parte do discurso, um sujeito pode ter uma posição social em cada momento, por exemplo, podemos ser professora, filha, estudante, etc., de acordo com a situação em que estamos inseridos. Segundo Courtine (1999),

[...] *são posições de sujeito* que regulam o próprio ato da enunciação: o interdiscurso, sabe-se, fornece, sob a forma de citação, recitação ou preconstituído, os objetos do discurso em que a enunciação se sustenta *ao mesmo tempo* que organiza a identificação enunciativa (através do regramento das marcas pessoais, dos tempos, dos aspectos, das modalidades...) constitutiva da produção da formulação por um sujeito enunciator. (COURTINE, 1999, p. 20, grifos do autor)

A Análise de Discurso parte da ideia de que o sujeito não é fonte do sentido, mas que ele se forma a partir de uma rede de memória⁸ acionada pelas formações discursivas que representam no seu discurso diferentes posições-sujeito, ou seja, a formação discursiva, como lugar da interpelação ideológica do sujeito, configura uma matriz de sentido.

Para tanto, Pêcheux e Fuchs afirmam que

É impossível identificar ideologia e discurso [...], mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...]

⁸ Nesse caso, podemos falar em memória discursiva, que segundo Orlandi (2005, p. 31), é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166)

Em consequência disso, tem-se que no discurso a ideologia se revela através de sua materialidade ideológica, que, por sua vez, se materializa nas formações discursivas (FDs), em que, segundo Pêcheux (1997), o sujeito do discurso se inscreve por meio da forma-sujeito de acordo com as posições e as condições de produção dadas. O autor ainda expõe que a forma-sujeito “tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscorso, isto é, *ela simula o interdiscurso*⁹ *no intradiscorso*¹⁰, de modo que o interdiscurso *aparece* como o puro ‘já-dito’¹¹ do intra-discurso, no qual ele se articula por ‘co-referência’” (PÊCHEUX, 1997, p. 167, grifos do autor).

Assim, Orlandi (2005) apresenta duas observações referentes às FDs. Primeiro, que os sentidos derivam das formações discursivas em que as palavras se inscrevem, e segundo, que é pela identificação da FD que se podem compreender os diferentes sentidos.

Pêcheux (1997) afirma que o lugar do sujeito não é vazio, mas preenchido pela forma-sujeito de uma determinada FD, pois é pela forma-sujeito que um indivíduo se inscreve em uma determinada formação discursiva, identificando-se e constituindo-se como sujeito. Nesse sentido, a formação discursiva é aquilo que, numa dada formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito. Desse modo, as palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas, pois “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 161, grifos do autor). O que Pêcheux quer dizer é que o funcionamento da ideologia com a interpelação dos indivíduos em sujeitos ocorre por meio das formações ideológicas, fornecendo a cada sujeito a sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações que são percebidas, aceitas e experimentadas.

Sendo assim, para podermos analisar as posições-sujeito a partir das materialidades linguísticas que tomamos como corpus deste estudo, faz-se necessário, primeiramente, vislumbrarmos as formações discursivas presentes nas nossas sequências discursivas (SDs) – que correspondem às textualidades de nosso corpus – para, posteriormente, identificarmos tais posições, procedimento que é apresentado na próxima seção.

⁹ Orlandi (2005, p. 32-33) expõe que “o interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação que, em seu conjunto, representa o dizível”.

¹⁰ A mesma autora, explica o intradiscorso como um eixo horizontal, “que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (ORLANDI, 2005, p. 33).

¹¹ Fala-se em “já-dito”, pois entendemos que todo o discurso é produzido por meio de discursos anteriores de outro alguém.

Do processo interpretativo-discursivo

Ao partirmos do interesse de investigar o modo como os estudos da língua e da linguagem estão presentes no Curso de Pedagogia da UFSM é que se constrói este trabalho, no qual buscamos analisar a posição de sujeito na disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita” do Curso de Pedagogia da UFSM, contrapondo (ou não) à posição de sujeito presente no objetivo geral do curso.

Antes de tudo, cabe lembrar as palavras de Foucault (2001) acerca do que vem a ser uma disciplina: “Uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto e métodos, um corpo de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos” (p. 30). Ou seja, uma disciplina é um conjunto de discursos. Ela se constrói em um campo de enunciação, com uma regulação e funcionamento específicos, pela discursivização dos conhecimentos a partir de determinadas FDs. Esse espaço de enunciação¹² distribui os conhecimentos de um modo particular, e essas configurações específicas dos discursos em suas relações com outros discursos e com o conhecimento irão incidir em relação à história e à memória das línguas, do saber sobre elas produzidas, das instituições e do sujeito.

No Curso de Pedagogia, várias são as disciplinas que preveem o conhecimento linguístico. Mas, para o momento, tomamos apenas uma disciplina – até mesmo pela própria limitação de extensão textual de um artigo científico –, “Oralidade, Leitura e Escrita”, já que esta trata sobre questões de aquisição da linguagem.

A fim de organizar o processo analítico, procederemos segundo as orientações procedimentais difundidas por Orlandi (1999): a superação da superfície linguística e o alcance do objeto e do processo discursivos. Assim, a primeira etapa implica apresentar a materialidade linguística, com a finalidade de viabilizar o conhecimento empírico dos textos que serão analisados. Dessa forma, seguem, abaixo, as sequências discursivas (SDs) que correspondem, respectivamente, à reprodução fiel da ementa da disciplina e do objetivo geral do Curso.

SD 1- Objetivos da ementa da disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita”:

- *Analisar o processo de construção do conhecimento e as teorias que o embasam, procurando estabelecer uma relação dialética entre desenvolvimento, ensino e aprendizagem, que contribuam para a aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita e da leitura.*

¹² Para Guimarães (2005), espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas habitados por falantes, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer.

SD 2- Objetivo geral do curso de Pedagogia da UFSM:

- *O curso tem como objetivo geral formar professores/profissionais em nível superior para a docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os alunos são capacitados para atuar nas diferentes modalidades de ensino e/ou nas demais áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.*

Orlandi explica que, nessa fase inicial, o analista começa a “vislumbrar a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática discursiva em questão” (1999, p. 78). De acordo com a mesma autora, as formações discursivas se configuram como regionalizações do interdiscurso, permitindo, dessa forma, compreender o processo de produção dos sentidos, estabelecer regularidades no funcionamento do discurso e determinar o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 1999). Isto posto, o próximo passo requer a explicitação das FDs dominantes identificadas nas SDs supracitadas:

FD 1: FD na qual se inscrevem sujeitos que, ao analisar e problematizar as teorias, podem tão somente propor práticas produtivas no ambiente escolar, referentes à aquisição e desenvolvimento da linguagem e da escrita, mas não aplicá-las.

FD 2: FD na qual se inscrevem sujeitos que são aptos e preparados para atuarem como professores pedagogos.

Apreendido o objeto discursivo, movimenta-se a segunda etapa da análise, relacionando as formações discursivas distintas com a formação ideológica que rege essas relações. Como, neste caso, encontrou-se uma FD dominante para cada SD, a interpretação se constituirá no olhar sobre o funcionamento dessas relações no interior de cada formação discursiva, bem como entre elas.

Na **FD 1**, encontramos um sujeito que apenas conhece teorias linguísticas, as problematiza e propõe práticas pedagógicas, não tendo, assim, condições de transpor tais conhecimentos à práxis em sala de aula com os alunos.

Já na **FD 2**, o que encontramos é um sujeito que se forma docente, capaz de atuar como tal tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais de uma escola.

Dessa forma, a análise das FDs nos permite considerar que, na **FD 2** – referente ao objetivo geral do Curso –, há um sujeito-professor pressuposto, tendo em vista que se espera que o curso forme profissionais docentes, aptos a atuarem como tal.

Por outro lado, o sujeito que encontramos presente na **FD 1** – referente ao objetivo da disciplina – é um sujeito que analisa conhecimentos teóricos para propor ações pedagógicas

referentes à aquisição da língua e da linguagem, porém não é habilitado a trabalhá-las de forma prática, ou seja, não as aplica como professor em sala de aula.

A análise em separado das **FDs 1 e 2** nos revela a existência de duas posições-sujeito distintas, o que, conseqüentemente, nos leva a compreender a existência de uma divergência entre o sujeito que o Curso espera formar e o sujeito que a disciplina analisada possibilita formar, no que concerne aos conhecimentos linguísticos. Ou seja, discursivamente, o Curso presume um perfil docente ao pedagogo, enquanto que a disciplina tão somente torna esse sujeito um analista crítico das teorias linguísticas. Nesse sentido, podemos afirmar que a disciplina descaracteriza o objetivo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFSM: o de formar um professor pedagogo!

Desse modo, “o resultado da análise é uma interpretação” (MAZIÉRE, 2007, p. 25), a qual nos aponta que a posição de sujeito do objetivo do Curso difere da posição de sujeito da ementa da disciplina. Contudo, o que nos inquieta é como um curso formador de professores não mantém uma coerência entre o objetivo da disciplina e o objetivo geral do Curso. Obviamente, não queremos dizer que as disciplinas do Curso de Pedagogia da UFSM devam estar todas baseadas unicamente na prática do professor, até porque sabemos da importância das teorias para tal formação, mas sim que elas mantenham uma relação dialética com o princípio formativo docente do curso.

Considerações finais

Conforme nos ensina Orlandi (1999), assim como o discurso, também uma análise nunca é igual à outra. Inexiste o óbvio, a transparência dos sentidos. Cada gesto de interpretação possibilita um olhar outro, uma (re)significação. E esse foi o nosso particular olhar. Sendo assim, de acordo com Petri (2006),

[...] ao analista de discurso não interessa perseguir uma verdade, não interessa propor uma tese originalíssima, mas interessa sim apresentar a singularidade de um olhar atento sobre o objeto de estudo, interessa revelar particularidades que passavam despercebidas, interessa contribuir para a construção do aparato teórico-metodológico da AD. (PETRI, 2006, p. 192)

Dessa forma, este encaminhamento final, reflexivo da prática analítica, explica o que tal análise representou para as analistas. Com isso, analisamos e refletimos sobre as posições de sujeito presentes no ementário da disciplina “Oralidade, Leitura e Escrita” do Curso de Pedagogia da UFSM, assim como do objetivo geral do Curso.

Portanto, ao partirmos do pressuposto de que o sujeito se constitui a partir de uma formação ideológica é que compreendemos as posições-sujeito presentes na disciplina e no curso. Ou seja, identificamos com esta análise diferentes sujeitos, em que o sujeito presente no objetivo geral do curso difere do sujeito presente no ementário da disciplina.

Assim, concordamos com Orlandi (2012) quando afirma que

[...] a particularidade do método em análise de discurso, também vista no que significa entremeio¹³, é a de ser aberto, dinâmico (não positivista), não sendo tomado como aplicação automática da teoria, mas como *mediação* entre teoria e análise, na busca dos procedimentos próprios ao objeto que se analisa. (ORLANDI, 2012, p. 12, grifos da autora)

Concluimos, assim, que esta é uma posição-sujeito incômoda e contraditória, tendo em vista que, no objetivo geral do Curso de Pedagogia, identificamos um sujeito-professor, que supõe um docente em formação, enquanto que, no ementário da disciplina, identificamos um sujeito que conhece e analisa teorias que embasam o processo de construção do conhecimento, referentes à aquisição da linguagem escrita e da leitura, tendo condições somente de propor ações pedagógicas, mas não de aplicá-las, por estar ainda em formação docente.

Nesse sentido, de acordo com Orlandi (2006), compreendemos que as diferentes posições de sujeito representam as diferentes formações discursivas que atravessam a história, pois “cada texto tem, assim, uma certa unidade discursiva com que ele se inscreve em um tipo de discurso determinado” (p. 60).

Portanto, a posição-sujeito existente no objetivo do Curso possui uma formação histórica e ideológica distinta da posição-sujeito existente no ementário da disciplina, já que identificamos um sujeito-professor e um sujeito que apenas conhece e analisa teorias, para propor práticas pedagógicas, porém não possui condições de aplicá-las.

Por fim, é importante ressaltar que não buscamos fazer juízo de valor com nossa interpretação. Almejamos, sim, que com nosso gesto interpretativo tenhamos apresentado subsídios para se repensar o próprio currículo do Curso de Pedagogia da UFSM, ou partir para uma análise mais aprofundada da própria prática dos professores de disciplinas, como a que aqui analisamos – isto é, de cunho linguístico. Por exemplo, uma análise discursiva das narrativas desses docentes, buscando vislumbrar o entendimento que eles depreendem ao entrar em contato com tais objetivos (da disciplina e do Curso), do que deve ou não ser ensinado nessas disciplinas, como acreditam que devem abordar tais conhecimentos, etc., tendo em vista o perfil docente esperado. Enfim, estudos que priorizem a qualificação da formação docente dentro do referido Curso – o que pode, inclusive, ser estendido a outros cursos de licenciatura, pois acreditamos que essa não seja uma problemática isolada.

Referências

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

¹³ Para Orlandi (2012), “entremeio significa, sobretudo, não pensar nas relações hierarquizadas, ou instrumentalizadas, ou aplicações. Trata-se da transversalidade de disciplinas pensadas como, segundo M. Pêcheux (1969), *empréstimos que se usam como metáforas*, o nosso contexto científico” (p. 11, grifos da autora).

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

HOFF, B. M. E. O *dizer* da prática do sujeito-professor de língua materna: um estudo discursivo. In: CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. (orgs.). *Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas: ALAB / EDUCAT, 2001.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*. (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MAZIÉRE, F. *A análise do discurso: história e práticas*; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. *Discurso e leitura*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PETRI, V. Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. In: *Expressão*. Revista de Centro de Artes e Letras. Santa Maria: UFSM, (2), Jul/Dez. 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. UFSM. *Pedagogia Diurna*. Santa Maria, 2016. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ce/index.php/graduacao/pedagogia-diurna>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

_____. *Portal do Ementário*. Santa Maria, 2016. Disponível em: <<https://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?idCurso=1061>>. Acesso em: 1 jun. 2016.